LGBTQIAPN+: CONCEITO E IMPORTÂNCIA DO RECONHECIMENTO SOCIAL

BERTOLINI, Laura Petry.[1]
OLIVEIRA, Kamilla Ricardi.[2]
AMARAL, Edina Aparecida.[3]

RESUMO

A luta LGBTQIAPN+ vêm tomando uma maior proporção mundial, recebendo cada vez mais atenção no que diz respeito a igualdade e a luta ao preconceito que ocasiona no aumento da violência e consequentemente, no número de mortes. Para tanto, a pesquisa objetivou-se através de uma revisão bibliográfica, trazer a importância do entendimento do termo LGBTQIAPN+ para a luta de direitos e espaço na sociedade, como também a dificuldade da aceitação perante o ciclo familiar. Foram utilizados livros e artigos de cunho científico a fim de uma revisão bibliográfica sobre o tema proposto, que trouxe em suma, o preconceito estrutural dentro do ambiente familiar e organizacional, bem como a escassez da explicação por trás da sigla, que influencia os demais sobre o não entendimento acerca do tema. Ambos obstáculos contribuem para o sofrimento de indivíduos que se incluem à causa.

PALAVRAS-CHAVE: LGBTQIAPN+, PRECONCEITO, DIREITOS.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil atualmente é o país que mais enfatiza na realização da Parada do Orgulho LGBTQIAPN+, manifestação esta que traz em seu diálogo uma busca política por direitos e respeito aos representados pela comunidade, reproduzindo eventos em mais de cem cidades de território nacional (SIMÕES E FACCHINI, 2005). Por outro lado, apesar das manifestações contra o preconceito, segundo o último Dossiê realizado pela Antrabrasil (2020) e dados oficiais dos 26 estados e distrito federal, ressalta-se o aumento de 5% no número de assassinatos a pessoas trans em 2020 comparado a 2019. O uso da violência por preconceito a essas pessoas, tende a ser a opção escolhida, em que a sensação de impunidade é grande, estimulando o acometimento de novos crimes, já que ao procurar notícias relacionadas a casos de violência a estas, se observa que o criminoso tende a ser absolvido (ANTRABRASIL, 2020).

Correlacionado a isso, indivíduos que se consideram integrantes do grupo LGBTQIAPN+, passam por dificuldades familiares. Segundo os autores Carrara, Ramos e Caetano (2003), geralmente o preconceito contra os mesmos é dado de forma padronizada quando a homossexualidade é declarada dentro do círculo familiar, o desentendimento por parte dos familiares acaba por gerar respostas intolerantes e aversivas.

Ainda que haja essa busca por direitos, o conceito por trás de cada letra que compõe a sigla LGBTQIAPN+, bem como a importância do respeito acaba não sendo tão claro a todos. Dessa forma,

o presente artigo busca através de uma revisão bibliográfica transportar o conceito da sigla, do mesmo modo, as dificuldades sociais encontradas em pessoas que se reconhecem pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, sendo o preconceito o âmago da problemática.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITUALIZANDO A SIGLA LGBTQIAPN+

Há uma escassez de artigos que trazem em seu referencial o conceito de cada letra que compõe a sigla LGBTQIAPN+, desse modo a Folha de São Paulo (2021) traz como conceitualização dos termos, sendo LÉSBICA e GAY para pessoas que são atraidas por parceiros do mesmo sexo. Já no termo BISSEXUAL o prefixo "bi" remete ao binômio masculino e feminino, ou seja, pessoas que se interessam por individuos do seu gênero ou de outros e TRANSGÊNERO a aqueles que a expressão de gênero ou identidade difere do sexo biológico (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

O termo QUEER é utilizado para sujeitos que apresentam sexualidade desviante, que não desejam ser integrados ou rotulados, que não se identificam com as normas regulatórias da sociedade e não conseguem definir o seu gênero ou a sua orientação sexual (LOURO, 2016). Já o termo INTERSEXO, de acordo com a ISNA (2008), é designado a pessoas que possuem uma variedade de condições que englobam os órgãos reprodutivos e anatomias sexuais, que não se encaixam nas definições de feminino ou masculino, sendo estes, corpos que não se enquadram nos parametros culturais de gênero, por exemplo, uma pessoa pode ter nascido parecendo mulher por fora, mas tendo principalmente anatomia típica masculina por dentro. O termo ASSEXUAL refere-se ao indivíduo que não sente atração sexual por outras pessoas, independente do gênero, e difere-se do celibato, visto que este consiste em uma escolha, sendo a assexualidade uma orientação sexual. A assexualidade não traz grandes consequências para a vida do sujeito, visto que suas necessidades são diferentes, e há uma variedade de maneiras para supri-las (AVEN, 2001).

O termo PANSEXUAL refere-se às pessoas que desenvolvem atração física, desejo sexual e/ou amor por outras pessoas, independentemente de sua identidade de gênero, sexo biológico ou orientação sexual (REIS, 2018). O termo NÃO-BINÁRIO, segundo Louro (2001), refere-se às pessoas que não se identificam com o gênero feminino ou masculino, diferente das pessoas binárias, que são aquelas que se identificam estritamente com o gênero feminino ou masculino, de forma separada. Dessa forma, as pessoas não-binárias costumam fazer uso dos pronomes neutros, visto que

não se veem como homens nem como mulheres, ex: elu/delu (LAU, 2018). Por fim, o "+" na sigla refere-se às demais orientações sexuais e identidades de gênero, a fim de mostrar que a diversidade de gênero e sexualidade é constante e pode mudar a qualquer momento.

2.2 O NÃO ACEITE FAMILIAR

A maioria das famílias tem dificuldade em entender o indivíduo que se considera parte do grupo LGBTQIAPN+, pois não compreendem a situação como "natural", desse modo o acolhimento afetivo só é ofertado quando o sujeito manifesta comportamentos heteronormativos. As reações podem incluir agressões físicas e psicológicas, como ameaças, abandono e quaisquer outras formas de violência, mostrando o despreparo da família em relação ao assunto (ABRAMOVAY, CASTRO E SILVA, 2004). Essa incapacidade pode estar ligada a suas próprias dificuldades voltadas à questão da sexualidade ou até mesmo à frustração, em relação ao que havia sido planejado e ansiado pela família, para esse indivíduo, como netos por exemplo (SARTI, 2004).

O ambiente familiar, conjunto aos seus integrante deveria, portanto, ser um espaço de apoio e acolhimento para o enfrentamento das dificuldades rotineiras, diante do fato, Toledo (2013) expõe que a desvinculação dos laços familiares, para indivíduos LGBTQIAPN+, pode ser considerado um dos eventos mais deprimentes e estressantes no processo de descoberta e aceitação relacionada a sexualidade, ainda em sua pesquisa, o autor cita que a presença de homofobia em meio ao contexto familiar foi colocada como a pior forma de discriminação vivenciada pelos participantes (TOLEDO, 2013).

2.3 DIFICULDADES SOCIAIS

De acordo com Medeiros (2007), ainda existe preconceito e discriminação contra pessoas LGBTQIAPN+ no mercado de trabalho, presente desde a fase pré-contratual, até o pós-contrato. Muitas vezes empresas fazem uma análise da postura ou comportamento do candidato, para avaliar se é considerada como "inadequada", "destoante" ou "inapropriada" para o ambiente, baseando-se em um modelo heterossexual de ser e se comportar.

O sofrimento no ambiente de trabalho está diretamente ligado aos estereótipos advindos do senso comum, construídos socialmente, em relação à imagem das pessoas LGBTQIAPN+. Sendo

assim, por muitas vezes esses trabalhadores acabam sendo excluídos por outras pessoas do grupo, ou sendo objeto de piadas e ofensas (MEDEIROS, 2007). Dessa forma, as pessoas LGBTQIAPN+ acabam frequentemente optando por ficar no anonimato e esconder sua orientação sexual, com o objetivo de evitar a discriminação e de tentar manter sua permanência dentro do ambiente laboral (FERREIRA E SIQUEIRA, 2007).

Em relação ao contexto familiar, Abramovay, Castro e Silva (2004) dizem que quando o indivíduo se apresenta como sendo LGBTQIAPN+, há uma frustração envolvendo as relações familiares, visto que a maioria destes não consegue perceber essa situação como algo natural, sendo assim, não há a oferta de acolhimento afetivo, diferentemente de quando os indivíduos estão dentro dos padrões da heteronormatividade.

As reações dos pais frente a orientação sexual fora do modelo heteronormativo depende do tipo de vínculo que é construído entre os indivíduos, a religião e o moralismo social (MODESTO, 2008). Sendo assim, a reação de grande parte dos pais pode ir desde o silêncio frente às discussões acerca da diversidade sexual, a desaprovação, a "expulsão" ou afastamento das pessoas LGBTQIAPN+ da família ou até mesmo a violência física e psicológica, o que pode levar a ideação suicida ou ao assassinato dessas pessoas (BORGES, 2009). Dessa forma, Abramovay, Castro e Silva (2004) afirmam que as agressões (físicas ou psicológicas), demonstram a existência de medos, frustrações e a intolerância presentes no ambiente familiar.

3. ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

A metodologia utilizada no presente artigo trata-se uma análise de revisão literária pelas estagiárias de Psicologia durante Estágio Supervisionado em Psicologia Clínica, sendo fundamentado no que é proposto às estagiárias no respectivo campo de estágio.

Quanto ao tipo de pesquisa, trabalhou-se com dissertações, livros, revistas e artigos científicos, haja visto que, o último é encontrado com mais facilidade, sendo uma das modalidades de produção mais valorizadas. Para realizar o levantamento, foi feita uma busca bibliográfica em sites confiáveis, como Google acadêmico e SciElo, em que foram utilizadas as palavras-chaves: LGBTQIAPN+, preconceito, e direitos.

Os artigos foram analisados de forma qualitativa, ou seja, buscou-se interpretar as ideias centrais dos mesmos, para que fosse possível estabelecer uma correlação entre as temáticas encontradas e a ideia principal do presente trabalho.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao realizar os atendimentos psicoterápicos clínicos à pessoas pertencentes ao movimento LGBTQIAPN+, notamos as dificuldades relacionadas ao pertencimento familiar e aos grupos sociais em que os mesmos apresentavam relatos semelhantes de preconceitos vivenciados.

As principais dificuldades percebidas na clínica foram no ambiente laboral e familiar. Sendo que no ambiente laboral, as pessoas LGBTQIAPN+ tendem a sofrer preconceito e discriminação tanto na fase contratual, quanto na permanência em seus empregos, devido a padrões heteronormativos presentes em nossa sociedade, que veem as pessoas pertencentes a este grupo como sendo inapropriadas, o que faz com que estas acabem por muitas vezes se mantendo em anonimato, não revelando sua orientação sexual, para evitar ser objeto de piadas, ofensas, e outros tipos de discriminação.

Já as dificuldades no contexto familiar são provenientes do não aceite da família em relação à sexualidade, o que faz muitas vezes com que, novamente, estas pessoas se mantenham no anonimato, por medo da rejeição, ou, quando se apresentam, acabem sofrendo com discriminação, violência (física ou psicológica), ou afastamento da família. Isso gera muito sofrimento para as pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, visto que a falta de reconhecimento, respeito e valorização podem causar quadros de depressão, e em situações mais graves até a ideação suicida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ sofrem preconceito, discriminação e violências em diversas esferas da vida, dentre elas a social, laboral e familiar. Isso acontece devido aos padrões heteronormativos presentes em nossa sociedade, que fazem com que as pessoas deste grupo sejam vistas como “inadequadas”, ou “inapropriadas” em relação a sua maneira de ser e agir.

Estas pessoas sofrem dificuldades para entrar e permanecer em empregos, sendo muitas vezes motivo de chacota, ofensas, e ameaças, sendo assim, às vezes acabam optando por manter em segredo a sua orientação sexual, a fim de evitar este tipo de situações. Além disso, também sofrem muitas dificuldades nas relações familiares, já que, por muitas vezes, a família não aceita isso como sendo algo “natural”, ou sofre com suas próprias frustrações e luto de seus anseios que não poderão ser realizados, como por exemplo ter netos e etc.

Isso gera muito sofrimento para a pessoa LGBTQIAPN+, visto que por muitas vezes, devido ao não aceite familiar, acabam escondendo sua orientação/gênero, ou, quando se assumem, sofrem violências físicas ou psicológicas, ameaças e/ou abandono da família, o que acaba podendo causar um quadro depressivo ou ideação suicida, visto que é inexistente a oferta de acolhimento afetivo.

Analisando todo o contexto social em que esse grupo está inserido, é imprescindível que haja a inclusão dessas pessoas nas mais diversas esferas da vida, para que assim elas se sintam pertencentes, respeitadas e valorizadas. Para isso, são necessárias políticas públicas efetivas, que causem efeito no cotidiano das pessoas em contextos educacionais, sociais, laborais e familiares, com o propósito de gerar o reconhecimento da singularidade de cada sujeito, a redução da discriminação e da desigualdade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. **Juventude e sexualidade.** Brasília: UNESCO, 2004.

ANTRA. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019.** São Paulo: Expressão Popular, IBTE, 2020.

AVEN. **Asexual Visibility and Education Network**. Disponível em: http://www.asexuality.org/?q=overview.html, 2001.

BORGES, R. **Pais e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de seus filhos e filhas.** Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto, 2009.

CARRARA, S.; RAMOS, S.; CAETANO, M. **Política, direitos, violência e homossexualidade: 8ª Parada do orgulho LGBT.** Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

FERREIRA, R. C.; SIQUEIRA, M. V. S. **O gay no ambiente de trabalho: análise dos efeitos de ser gay nas organizações contemporâneas.** Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Entenda o que significa cada letra da sigla LGBTQIA+.** Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/. [2021]. Acesso em: 19 set. 2022.

ISNA - Intersex Society of North America. Frequently asked questions. 2008. Disponível em http://www.isna.org/faq.

LAU, H. D. **Pelo direito e orgulho de ser heterossexual no terceiro domingo de dezembro.** São Paulo: Pimental Cultural, 2018.

LOURO, G. L.. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LOURO, G. L. **Teoria Queer- uma política pós identitária para a educação**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p.541-553, 2001.

MEDEIROS, M. **O trabalhador homossexual, o direito à identidade sexual e a não-discriminação no trabalho.** Porto Alegre: Nuances, 2007.

MODESTO, E. **Homossexualidade Preconceito e Intolerância: Análise semiótica de depoimentos.** São Paulo, 2010.

REIS, T. (org.) **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2ª ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

SARTI, C. A. **O jovem na família: o outro necessário.** In R. Novaes & P. Vannuchi (Org.), Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SIMÕES, J. A.; FACCHINI, R. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

TOLEDO, L. G. **Será que eu tô gostando de mulher?: tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista.** Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Assis), 2013.